

Respeite o meu filho: Ele tem o direito de ser ele mesmo

O ÍNDIO SASKATCHEWAN¹ SETEMBRO 1982 v12 n07 p45

De uma mãe para um professor

A seguinte carta apareceu em um artigo no Northian Newsletter². É da mãe de uma criança índia, sob a forma de uma carta aberta ao professor do filho dela.

Antes do tomar o seu posto na sala de aula onde está o meu filho, por favor, pergunte a si mesmo por que você vai ensinar para uma criança índia? Quais são as suas expectativas? Que recompensas você antecipa? Quais necessidades do ego as nossas crianças terão que encarar?

Quais valores, preconceitos e princípios morais você não valoriza e toma por universais? Por favor, lembre-se que “diferente de” não é o mesmo que “pior que” ou “melhor que”, e que aquela régua que você usa para medir a sua própria vida pode não ser apropriada para as vidas deles.

O termo “culturalmente carente” foi inventado por brancos de classe média bem intencionados que queriam descrever algo que eles não entendiam.

Muitos professores, infelizmente, parecem ver a si mesmos como salvadores. O meu filho não precisa ser salvo; ele não considera ser índio uma desgraça. Ele tem uma cultura, provavelmente mais velha que a sua; ele tem valores significativos e uma rica bagagem. No entanto, por mais estranho e incompreensível que isto possa parecer para você, você não tem o direito de fazer ou dizer algo que implique para ele que isto é menos que satisfatório.

As experiências dos nossos filhos são diferentes daquelas da criança de classe média branca “típica” para quem a maior parte da grade curricular parece ter sido projetada (Eu suspeito que esta criança “típica” só existe nas cabeças daqueles que escrevem grades). Mesmo assim, as experiências do meu filho são para ele tão intensas e significantes quanto para qualquer outra criança.

Como a maioria das crianças índias da idade dele, ele é competente. Ele pode se vestir sozinho, preparar a sua própria refeição, tomar banho, tomar conta do irmão mais novo. Ele conhece a sua reserva como a palma da sua mão, pois toda ela que é a sua casa.

Ele não está acostumado a ter que pedir permissão para fazer coisas rotineiras que são parte da vida. Raramente alguém o proíbe de fazer algo, mais comumente as conseqüências da ação são explicadas a ele e permite-se que ele decida sozinho se deve ou não agir. Toda a sua existência desde que ele é grande o suficiente para ver e ouvir é uma situação de aprendizado por experiência, organizada para dar a ele a oportunidade para desenvolver as suas habilidades e confiança nas suas próprias capacidades. O ensino didático será uma experiência estranha para ele.

¹ Nota do tradutor: No original *SASKATCHEWAN INDIAN*. Existe, no Canadá, o grupo das Nações Indígenas Saskatchewan.

² Nota do tradutor: Um periódico *por e sobre* os Índios Americanos que circulou entre 1923 e 1981, segundo o portal da biblioteca da Universidade de Illinois em <http://www.library.uiuc.edu/> acessado em 22/08/2005 às 10h 01min.

Ele não é inibido do jeito que muitas crianças são. Ninguém jamais disse a ele que os seus esforços rumo à independência são bonitinhos ou engraçadinhos. Ele é um ser humano jovem que está energeticamente fazendo o seu trabalho, que é passar pelo processo de aprendizado para funcionar como um ser humano adulto. Ele vai respeitar você como uma pessoa, mas ele vai esperar que você faça o mesmo em relação a ele.

A ele foi ensinado, através da percepção, que a cortesia é uma parte essencial da conduta humana e que a rudeza em qualquer ação que faz outra pessoa se sentir estúpida ou boba. Não tome a sua paciente cortesia por indiferença ou passividade.

Ele não fala inglês padrão, mas ele não é de jeito nenhum “lingüisticamente deficiente”. Se você der tempo ao tempo e for cortês para ouvir e observar cuidadosamente, você vai ver que ele e as outras crianças índias se comunicam muito bem entre elas e com outros índios. Eles falam inglês “funcional”, que se faz bastante eficaz dada a sua fluência na linguagem do silêncio, do sutil, da comunicação sem palavras, da expressão facial, gestos, movimento corporal e do uso do espaço pessoal.

Você estará avisado para se lembrar de que os nossos filhos são intérpretes hábeis da linguagem do silêncio. Eles terão conhecimento dos seus sentimentos e comportamentos com precisão, não importando o cuidado ao compor o seu sorriso ou modular a sua voz. Eles aprenderão na sua sala de aula, porque as crianças aprendem voluntariamente. O que elas aprenderão depende de você.

Você vai ajudar o meu filho a aprender a ler; ou vai ensinar a ele que ele tem um problema de leitura? Vai ajudá-lo a desenvolver habilidades para resolver problemas, ou vai ensinar a ele que a escola é onde você tenta adivinhar qual a resposta que o professor quer?

Ele vai aprender que o seu senso do seu próprio valor e dignidade é válido ou ele vai aprender que para sempre ele vai ter que pedir desculpas e “dar cada vez mais duro” porque ele não é branco? Você pode ajudá-lo a adquirir as habilidades intelectuais de que precisa sem, ao mesmo tempo, impor os seus valores em cima daqueles que ele já tem?

Respeite o meu filho. Ele é uma pessoa. Ele tem o direito de ser ele mesmo.

Sinceramente,

A mãe dele

Tradução: BUTZEN. Günther Cristiano. Título original: Respect My Child: He Has A Right To Be Himself. in: <http://www.sicc.sk.ca/saskindian/a82sep45.htm>. Acessado em 22/08/2005 às 11h 58min.